



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

A Arte Maior de Desafiar ondas

Fevereiro de 2021. Impressionei-me com a notícia do salvamento, nos mares da Praia do Areal de Santa Bárbara, de dois surfistas espanhóis por Marco Medeiros, um dos mais experimentados pilotos de água nos Açores, elemento dos bombeiros e descendente do primeiro bombeiro da Ilha de São Miguel, Benjamin Medeiros. Marco Medeiros pertence à corporação dos Bombeiros de Santa Bárbara. É surfista e piloto de mota de água, surfando com frequência as ondas gigantes da Nazaré.

Lembrei-me da minha relação antiga com o surf. Sabem os leitores destes curtos ensaios: quase tudo na minha escrita é pessoal. Parte de uma biografia partilhada e traz, implícita, a solicitação a cada um para se confrontar com a sua própria experiência. Pelo meio traz informação na mochila. Será de novo assim. Venham.

Prossigamos com a notícia. Marco, encontrando-se no bar TukáTulá, ao avistar o (quase) afogamento de dois homens, que, na sua cavalgada em ondas com mais de 1,5 metros de altura, faziam uso de pranchas de surf pequenas, avançou com a operação de salvamento. Convocou as autoridades vocacionadas para o resgate marítimo. Com o vento a mais de 60 kms/hora, os homens novos já estavam a ser levados por uma corrente, cruel na forma de os conduzir para longe.

Marco acelerou na sua mota de água e encontrou os rapazes em apuros, prestes a serem devorados pelo – em alturas muitas – inclemente mar açoriano. Contou a uma publicação de surf: “Já mesmo na recta final do ir embora, foi uma luz da Nossa Senhora da Estrela que me desviou a mota mais para alto mar, concretamente a cerca de uma milha da costa (1,5 km)”. No regresso a terra, encontraramos. Exaustos, a flutuar nas últimas hipóteses de sobrevivência, à beira de se revelarem incapazes de se agarrarem à mota e voltarem a um chão do qual nunca deviam ter saído, sobretudo àquelas horas da noite. Na espuma do cinismo, ainda há espaço para a comoção. Fala Marco: “As minhas lágrimas caíam ao abraçá-los e ao perceber que tínhamos conseguido e íamos levá-los para terra sãos e salvos”.

Sempre admirei a arte maior de desafiar ondas. Na série Mal-Amanhados repeti um aforismo melancólico, numa das nossas passeatas: o poeta é um surfista que tem medo das ondas. Não foi para o ar à conta das escolhas difíceis da montagem. Já devo ter contado aqui. Na adolescência fui, variadas vezes, com os meus amigos em direcção a Rabo de Peixe. Eles iam fazer surf. Eu ia pisar o balsalto com livros na mão e assistir à forma como, lá em cima, interagiam aqueles que se sentavam no murete, diante da Igreja do Bom Jesus. Avistei miudagem local a tentar fazer surf em tábuas de madeira. A situação marcou-me tanto que, quando tinha 25 anos, consagrei essas impressões numa novela.

Troco uma palavra com o meu amigo Pedro Arruda, cada vez mais temido jornalista político e poeta sem medo das ondas (é autor do recente volume de poesia “Um Dia Tudo Será Mar Outra Vez”), para tentar saber alguma coisa de uma matéria que há muito me interessa: a História do surf nos Açores. Começa por afirmar que é algo inexistente. Antes de entrar na dimensão açoriana do desporto, lembra que, até ao século XX, o único povo que tinha uma relação de lazer com o mar e as ondas era o povo havaiano. No Havai, o surf, para além de implicar aspectos sociológicos e rituais de maioridade, era uma actividade de lazer, praticada por todos os membros da sociedade: homens, mulheres e crianças.

Sobre os Açores, arrisca algumas teses, sublinhando sempre que requerem confirmações. Conta: “Se cruzarmos fontes não será inverosímil imaginar que os primeiros portugueses a terem contacto directo com a arte de correr ondas foram muito provavelmente açorianos e madeirenses embarcados nos grandes baleeiros da nova Inglaterra, desde a segunda metade do século XVIII”. Esses navios faziam circos-navegações e colhiam tripulações, fazendo com que muitos açorianos tenham dessa forma chegado ao Havai, onde terão tido contacto com o surf.

Mas o facto de terem visto ou presenciado a modalidade não quer dizer que tenham trazido a prática para cá. “Este é um aspecto importante. Até

ao século XX o único povo que tinha mesmo uma relação de lazer com o mar e as ondas era mesmo o povo havaiano”. A aproximação real às ondas noutras partes do mundo só aconteceu no século XX. “Desde logo por impedimento puritano relativamente à indumentária apropriada para estar nas ondas”.

Sabe-se que durante a Primeira Guerra Mundial, americanos tiveram uma importante base naval em Ponta Delgada, comandada pelo Contra-almirante Herbert Owar Dunn. E é possível que alguns soldados se tivessem escapulado para experimentar as famosas ondas do Pópulo. Sem especulação alguma, está comprovado que militares americanos estacionados nas Lajes durante a Segunda Guerra Mundial praticaram surf na Praia da Vitória.

Quanto a açorianos a fazer surf não há certezas. Pedro partilha algumas pistas: “Sabemos que o avô do Garoupinha, o Senhor Carlos Garoupa Medeiros, mandou fazer uma prancha e surfava aqui em São Miguel nos anos 40 e 50 do séc XX”. Também se sabe que Pedro Martins de Lima, considerado o primeiro surfista português, começou a vir aos Açores, para fazer vela e caça submarina nos anos 50. Era muito amigo de Leo Weitzenbaur (casado com uma prima da minha avó paterna) e fazia surf em São Miguel nos anos 60 e 70. Houve vários surfistas estrangeiros a visitar as ilhas e a surfar no Faial, na Terceira, em São Miguel e em São Jorge. “A partir daí a coisa foi evoluindo e crescendo. Mas a primeira geração de surfistas açorianos surge em finais dos anos 70 e princípios dos anos 80. Depois viemos nós...”. O “nós” inclui a confraria de grandes amigos do escriba.

Pergunto a Pedro se, hoje, há um surfista-tipo nos Açores. Responde assim: “Sinceramente acho que não. Há vinte anos éramos um pequeno grupo de rapazes de classe média-alta e hoje em dia tens vários tipos de pessoas na água”.

Destaca dois dados significativos: há mulheres novas a fazer surf e também estrangeiros. “Muita malta europeia vem estudar ou mesmo viver para cá por causa das ondas”. Bom sinal, desde que se tenha cuidado com este mar.

PSD/Açores afirma que remoção de amianto das escolas é de “máxima importância”

O Grupo Parlamentar do PSD/Açores considerou ontem que o processo de remoção de amianto das escolas é um assunto de “máxima importância”, tendo apelado a que seja dada “total prioridade” à resolução de um problema que o anterior Governo Regional não resolveu.

“A remoção de amianto dos edifícios de uso público, como são as escolas, é um assunto de máxima importância para o PSD, considerando a toxicidade daquele material e o perigo que representa para a saúde. Doze anos após o início deste processo na Região, ainda existem estabelecimentos de ensino em cujas edificações permanecem materiais contendo fibras de amianto, devido ao incumprimento da lei pelo anterior Governo Regional”, afir-

mou Joaquim Machado, após uma visita à Escola Básica Integrada dos Arrifes.

O parlamentar social democrata, que esteve acompanhado pelo deputada Délia Melo, lembrou que o anterior Executivo se comprometeu a concluir, até ao final de 2017, os trabalhos de remoção de amianto das escolas e que a legislação regional sobre a matéria apontava 29 de Julho de 2019 como a data limite para o efeito.

“Tendo terminado em Julho de 2019 o prazo de 10 anos estabelecido para a remoção de amianto nas escolas, jardins-de-infância e creches, é altura de se fazer um ponto da situação, principalmente dos casos em que tal não foi ainda concluído ou, mais grave, sequer iniciado, como é o caso desta Escola dos Arrifes”, disse.

“Passados sensivelmente 12 anos, apesar da determinação da lei, das promessas várias vezes repetidas e do risco que esta situação implica, as obras nesta escola nem sequer arrancaram”, sublinhou.

Para Joaquim Machado, esta situação justifica que “seja conferida total prioridade ao arranque da empreitada, esperando que a mesma se efectue com a observância de todos os requisitos de segurança que a lei prevê para a remoção deste tipo de material e, ao mesmo tempo, com a menor perturbação possível para as actividades escolares”.

Nesse sentido, o deputado do PSD/Açores anunciou que o partido vai entregar no Parlamento um projecto de resolução em que recomenda que o Governo

Regional dê “absoluta prioridade à remoção de amianto dos edifícios escolares da rede de ensino público da Região”.

